Entrevistas

Admar Horn¹

Gohar Homayounpour²

Harriet L. Wolfe³

01 – Qual seria o significado do silêncio hoje na clínica psicanalítica?

Admar Horn

O silêncio na clínica psicanalítica é uma ferramenta de trabalho fundamental e atemporal.

Freud quase não escreveu a respeito do silêncio do analista, mas a análise de Emmy von N. fez com que ele se confrontasse muito cedo a esse aspecto da função do analista. Foi ela quem lhe prescreveu o silêncio: “Fique tranquilo! Não diga nada! Não me toque!”.

O silêncio do psicanalista pode ser considerado a partir de um triplo ponto de vista: como uma resistência à instauração do *setting*; como um modo de pensamento do analista e, ainda, como o espaço de tratamento dos movimentos pulsionais.

1. Psicanalista. Membro Efetivo da Sociedade de Psicanálise de Paris; Membro Titular do Instituto de Psicossomática de Paris- Pierre Marty (IPSO) - Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

2. Autora, psicanalista e Membro da Associação Psicanalítica Internacional, da Associação Psicanalítica Americana, da Sociedade Psicanalítica Italiana e da Associação Nacional para o Avanço da Psicanálise. Analista Didata do Grupo Freudiano do Teerã, onde é fundadora e ex-diretora. Membro da Diretoria Científica do Museu Freudiano de Viena e do Grupo de Geografias da Psicanálise da IPA. Publicou vários artigos psicanalíticos, nas Revistas de Psicanálise Internacional e Canadense. Seu livro *Doing Psychoanalysis in Tehran*, foi publicado pelo MIT Press em agosto de 2012, e ganhou o prêmio *Gradiva Award* – traduzido para o francês, alemão, italiano e turco. Outras publicações recentes e capítulos de livros incluem: *The Dislocated Subject* (2019) e *Islamic Psychoanalysis and Psychoanalytic Islam* (2019).

3. Psiquiatra e psicanalista Didata do Centro de Psicanálise de São Francisco. Presidente-eleita da Associação Internacional de Psicanálise. Ex-Presidente da Associação Psicanalítica Americana (APsA) e ex-coordenadora do Comitê de Educação Psicanalítica da APsA. Professora Associada de psiquiatria clínica na Escola de Medicina São Francisco da Universidade da Califórnia.

O silêncio do psicanalista é um comportamento que tem aspectos complexos e muito diferentes. Temos que distinguir o silêncio não somente como recusa de falar, mas também como condição de escuta analítica.

No transcorrer de uma análise, o silêncio do analista mostra múltiplas realidades psíquicas, que podem variar, dependendo do funcionamento psíquico do paciente, do momento da análise e ainda do momento da sessão.

Podemos, desse modo, observar nesse largo espectro do silêncio, ainda que seja de um modo bastante artificial, esses três componentes: um silêncio de resistência à análise; um silêncio da escuta flutuante, em que se constitui o modo interpretativo mais corrente; e, enfim, um silêncio de regressão, marcado pela interpenetração das cenas psíquicas, em que podem surgir interpretações inesperadas e surpreendentes.

O silêncio do analista é um lugar de transformação dos conteúdos psíquicos, dos movimentos pulsionais que os incitam. Ele é, também, o que permite a transferência sobre a palavra, dita ou não; é o investimento da representação.

O silêncio do analista está a serviço do processo de sublimação que desvia as pulsões parciais do sexual infantil, autoeuróticas, em direção ao prazer compartilhado da análise.

Para Michel de M'Uzan, o silêncio do analista participa à instauração de um clima de estranhamento, revelador do compromisso com a problemática identitária: a formação de uma “quimera” manifesta o encontro de dois inconscientes, o do analista e o do paciente. Assim, o silêncio da escuta poderá, então, acolher esse fenômeno, conduzindo a outra extremidade desse espectro e a outra forma de silêncio do analista. Deste modo, o analista estará então em uma experiência do ser, uma experiência regressiva, próxima do narcisismo primário, em que sujeito e objeto não são diferenciados. Trata-se de uma experiência fusional, contida pela confiabilidade do *setting*.

Concluindo, o silêncio é o cenário da atividade psíquica do analista, ou, parafraseando André Green, o silêncio é “o espaço potencial do trabalho do analista”.

Gohar Homayounpour

Historicamente, o silêncio, no discurso psicanalítico, tem sido visto, de uma maneira geral, como uma resistência por parte do analisando e como o fundamento da escuta do analista. Eu acredito que a maioria dos artigos psicanalíticos sobre o silêncio aborde esse tema dessa forma e, portanto, que a maior parte

deles confere apenas uma conotação muito negativa ao silêncio, como algo que precisa ser trabalhado nas sessões de análise.

Essa postura com relação ao silêncio mudou muito na clínica psicanalítica contemporânea. No entanto, acredito que continua a haver um juízo moral binário atribuído ao silêncio: por um lado, ele é percebido como uma forma letal de resistência para o sujeito falante e, por outro lado, há uma erotização completa do silêncio que, na minha experiência pessoal, é muito bem expressa na filosofia sufi ou em obras filosóficas. Os exemplos são abundantes: o silêncio como um horizonte místico iluminado é, muitas vezes, tratado com deslumbramento e admiração. Desde uma afirmação como a de Kierkegaard, que propôs um retiro silencioso do barulho do mundo como o caminho para ouvir a palavra de Deus, àquela que acredita que o silêncio transporte alguém para o núcleo da vida; ou a afirmação de Rumi de que o silêncio é a linguagem de Deus, e que tudo o mais é má tradução, até o livro encantador de Susan Sontag sobre *The aesthetics of silence*, para citar apenas alguns exemplos. Existe, em todos eles, uma idealização do silêncio e uma perplexidade diante dele.

Desnecessário dizer que, certamente, todas essas definições de silêncio têm consequências muito importantes, e essas consequências precisam ser cuidadosamente consideradas em qualquer elaboração sobre o silêncio.

Mas, talvez, a coisa mais significativa e necessária que se possa dizer sobre o silêncio é que não há moralidade ligada a ele, que o silêncio está acima do bem e do mal.

Muitas vezes, certamente, seu uso é necessário por parte do analista. No entanto, outras vezes, ele é usado como modo de atuação de contratransferência, por raiva ou por vingança ou... por parte do analista. Às vezes, é através dos sussurros do silêncio que certas coisas são comunicadas e ouvidas em alto e bom som, mas, outras vezes, é uma clara resistência no tratamento analítico que precisa ser trabalhada. Às vezes, ele indica uma comunicação de transferência clara por parte do paciente.

Como sempre, depende da especificidade do caso, da particularidade da díade analítica, naquele momento de silêncio muito específico, o qual define o que “aquele” silêncio está expressando ou tentando não expressar.

O silêncio não é bom e nem mau na sua totalidade, é apenas silêncio, e devemos fazê-lo trabalhar continuamente – em vez de lhe atribuir qualquer significação moral fixa *a priori* –, sem nunca escaparmos da alienação inevitável que chega até todos nós, seres falantes.

Gohar Homayounpour (Lingua Original)

1 – What is the meaning of silence in the psychoanalytic clinic nowadays?

Historically, silence within the psychoanalytic discourse has generally been looked upon as a resistance on the part of the analysand, and as the foundation of listening for the analyst. I believe that most of the psychoanalytic articles on silence follow this theme, and therefore assigning solely a very negative connotation to silence, as something that needs to be worked through within the psychoanalytic sessions.

This aforementioned stand on silence within the contemporary psychoanalytic clinic has changed a great deal. However, I believe there continues to be a binary moral judgment assigned to silence: on the one hand it is perceived as a lethal form of resistance to the speaking subject, and on the other hand there is a complete eroticization of silence which in my geography is very well encapsulated within the Sufi or philosophical oeuvre. Examples are abundant: silence as a mystical enlightened beyond, often treated with awe and wonder. From assertions such as that of Kierkegaard, in which he proposed silent retreat from the noise of the world as the way to hear God's word, to that which claims silence takes one into the core of life, or Rumi's assertion that silence is the language of god and all else is poor translation, or Susan Sontag's delightful book on *The Aesthetics of Silence*, to name just a few; there is such idealization and bewilderment of silence.

It goes without saying that there is certainly a great deal of significance to all of the stances on silence mentioned above, significance that needs to be carefully taken into account within any elaboration on silence.

But perhaps the most significant and necessary thing that one can say about silence is that there is no morality attached to it, that silence is beyond good and evil.

Often certainly necessary on the part of the analyst, it is however at other times used as a counter-transference mode of acting out anger or revenge or ... on the part of the analyst. Sometimes it is through the whispers of silence that certain things are communicated and heard loud and clear, yet at other times it is a clear resistance within the analytic treatment that needs to be worked through. At times it is indicative of a clear transference communication on the part of the patient.

As always it depends on the specificity of the case, the particularity of the analytic dyad at that very specific moment of silence that defines what "that" silence is voicing or attempting not to voice.

Silence is neither good nor evil in its totality, it is merely silence, and we need to continuously put silence to work, instead of assigning to it any fixed a priori moral signification, never escaping the inevitable alienation that comes to us all as speaking beings.

Harriet L. Wolfe

O silêncio continua a ser um aspecto vital da comunicação entre analista e analisando. É parte do ritmo de todo o intercâmbio humano e possui muitos significados. No tratamento psicanalítico, ele constitui um espaço de reflexão profunda e também de resistência profunda. Ele pode refletir confusão, angústia ou *reverie*. Os significados do silêncio no consultório são de grande interesse para o analista e tornam-se, ao longo do tempo, de interesse para o analisando. Seus significados podem ser conscientes ou inconscientes.

A palavra “hoje” levanta a questão de saber se ocorreu uma mudança na compreensão analítica do silêncio. Se houve uma mudança, ela está relacionada, em parte, à nossa *orientação teórica*. Em outras palavras, os psicólogos do ego podem ver o silêncio de maneira diferente dos analistas relacionais. Para os primeiros, há múltiplos significados potenciais sobre o funcionamento intrapsíquico do analisando. Para os analistas relacionais, é mais provável que ele seja visto como tendo sido cocriado – um fenômeno de transferência/contratransferência ou um aspecto de *enactment*.

Uma grande força por trás da possível mudança no significado do silêncio na psicanálise clínica é uma maior atenção ao *impacto constitutivo da cultura* no desenvolvimento individual e coletivo (Dajani, 2020). Bonnie Litowitz (2003) escreveu sobre o lugar da cultura na teoria psicanalítica tradicional. Ela observa que a cultura era vista por Freud e seus seguidores como algo externo ao indivíduo, uma camada externa abaixo da qual se encontraria a psique universal comum a todas as pessoas, com o complexo de Édipo no centro. No entanto, as culturas são sistemas, radicalmente diferentes, de construção de significado.

Karim Dajani, um analista palestino-americano nascido de pais refugiados no Líbano, tem um interesse especial no impacto constitutivo da cultura. Ele escreve: “Os bebês que são estruturados por sistemas diferentes (árabe, japonês, francês, tailandês etc.) aprenderão a ser integrados, a diferenciar o eu do não eu e a lidar com tempo e espaço de maneiras que são específicas de seus respectivos sistemas” (Dajani, 2020, p. 15). Cada família é um sistema cultural diferente, e nós diferimos, em aspectos significativos, de nossos vizinhos, nossos colegas, nossos pacientes e nossos amigos íntimos. Cada contexto, a partir

do qual o “outro” emerge, pode contribuir com uma valência diferente para o silêncio. Assim, o significado de silêncio é, em parte, determinado pela cultura.

Finalmente, na psicanálise, há um foco cada vez maior no trauma e na transmissão do trauma entre gerações. A psicanalista norte-americana Dionne Powell tem escrito convincentemente sobre *forças sociais traumáticas* que contribuem para o silêncio no consultório (Powell, 2018). Sua perspectiva é influenciada pela história da escravidão nos Estados Unidos e pelo racismo que continua fazendo parte dessa cultura. Ela escreve sobre um silêncio que reflete uma série de esforços defensivos para evitar a expressão de ódio, medo ou desejos violentos.

Cada cultura tem um passado histórico de trauma coletivo que envolve uma forma de violência extrema, e cada indivíduo tem uma história pessoal passada de insulto, injúria, confusão, traição ou perda. Janine Puget escreve sobre a “catástrofe social” e a imposição do silêncio por decreto governamental (Puget, 1988). Ela elabora como o estado de fragmentação que ocorre em uma ditadura, como a época dos desaparecidos na Argentina, resulta em um contexto social incoerente e incompreensível em que a culpa se perde e o silêncio ocorre – na sociedade e no tratamento psicanalítico.

Harriet L. Wolfe (Língua Original)

1 – What is the meaning of silence in the psychoanalytic clinic nowadays?

Silence continues to be a vital aspect of communication between analyst and analysand. It is part of the rhythm of all human interchange, and it has many meanings. Within psychoanalytic treatment it constitutes a space for deep reflection and also deep resistance. It can reflect confusion, distress, or reverie. The meanings of silence in the consulting room are of great interest to the analyst and become over time of interest to the analysand. Its meanings may be conscious or unconscious.

The word “nowadays” raises the question of whether a change in the analytic understanding of silence has occurred. If there is a change, it is partly related to our *theoretical orientation*. That is, ego psychologists may view silence differently than relational analysts. For the former it has multiple potential meanings about the intrapsychic functioning of the analysand. For the relational analyst it is more likely to be seen as co-created - a transference/countertransference phenomenon or an aspect of enactment.

A strong force behind the possible change in the meaning of silence in clinical psychoanalysis is greater attention to the *constitutive impact of culture* on individual and group development (Dajani 2020). Bonnie Litowitz (2003) has written about the place of culture in traditional psychoanalytic theory. She

observes that culture was viewed by Freud and his followers as external to the individual, an outer layer below which would be found the universal psyche common to all people, with the Oedipus complex at the core. But cultures are radically different systems of meaning-making.

Karim Dajani, a Palestinian-American analyst born of refugee parents in Lebanon has a special interest in the constitutive impact of culture. He writes: “Babies who are structured by different systems (Arab, Japanese, French, Thai, etc.) will learn to be embodied, to differentiate me from not me, and to engage time and space in ways that are particular to their respective systems” (Dajani, 2020, p. 15). Each family is a different cultural system, and we differ in significant ways from our neighbors, our colleagues, our patients, and our intimates. Each context from which the ‘other’ emerges may contribute a different valence to silence. Thus, the meaning of silence is in part culturally determined.

Finally, there is an increased focus on trauma in psychoanalysis, and on intergenerational transmission of trauma. The North American psychoanalyst Dionne Powell has written compellingly about *traumatic societal forces* that contribute to silence in the consulting room (Powell 2018). Her perspective is informed by the United States history of slavery and the ongoing racism that is part of that culture. She writes of a silence that reflects a range of defensive efforts to avert expression of hate, fear, or violent wishes.

Each culture has a past history of collective trauma that involves a form of extreme violence, and each individual has a past personal history of insult, injury, confusion, betrayal or loss. Janine Puget writes about ‘social catastrophe’ and the imposition of silence by governmental decree (Puget 1988). She elaborates how the state of fragmentation that occurs in a dictatorship, like the years of the disappeared in Argentina, results in an incoherent and incomprehensible social context in which guilt goes lost and silence occurs – in society and in psychoanalytic treatment.

02 – Qual a validade da afirmação de que o que é silenciado no psiquismo faz o corpo falar? Seja em ato, em dor, em grito ou mesmo em silêncio.

Admar Horn

A saúde é o silêncio dos órgãos (“O normal e o patológico” – G. Canguilhem, R. Leriche). O estado de saúde é a inconsciência do sujeito, do seu corpo, enquanto a consciência do corpo é dada nos sentimentos dos limites, das ameaças e dos obstáculos à saúde.

A corrente do pensamento psicanalítico da Escola de Psicossomática de Paris não para de se desenvolver há sessenta anos. O interesse pelo funcionamento mental dos pacientes tornou-se indissociável da psicossomática psicanalítica. Uma baixa capacidade de mentalização e uma vida operatória que se instaura nesses pacientes tem como objetivo integrar os fenômenos somáticos à economia pulsional. Eles estão todos articulados com a metapsicologia freudiana no que se refere ao sofrimento do corpo. Essa corrente de psicossomática psicanalítica tem nos ajudado a melhor compreender as várias possibilidades que o corpo encontra para manifestar o que é silenciado no psiquismo.

Gohar Homayounpour

Pessoalmente, no que tange a essa questão, sou fã do Instituto de Psicossomática de Paris, desde sua primeira geração de colaboradores (a saber, Pierre Marty, Michel de M'Uzan, Michel Fain, Christian David) até seus pensadores contemporâneos mais brilhantes, como Marília Aisenstein. Nesse Instituto, os pressupostos freudianos fundamentais não são silenciados e, para resumir, de acordo com meu entendimento, a dualidade psique-soma é obliterada, uma vez que o processo de somatização é o resultado da regressão e da desvinculação das pulsões. Por isso, a dualidade da psique-soma é transformada na dualidade das pulsões, e a origem do processo de pensamento é colocada no corpo. Em *Além do princípio do prazer*, Freud discute o efeito radical de uma doença somática dolorosa na distribuição e nas modalidades da libido. Esse se tornaria o ponto de partida para o futuro trabalho do Instituto de Psicossomática de Paris.

Para voltar mais especificamente à sua pergunta, sim, de acordo com o Instituto de Psicossomática de Paris, eu acredito que o nosso aparelho mental tem a função de gerenciar as excitações traumáticas constantes da vida. Se esse aparelho psíquico estiver danificado ou sobrecarregado, a excitação precisa encontrar outras vias de descarga, que serão via comportamento ou via corpo. Assim como nos exemplos que você forneceu, basicamente o caminho somático, de certa forma, fornece uma solução

Gohar Homayounpour (Língua Original)

2 – What is the validity of the assertion that what is silenced in the psyche makes the body talk? Whether in act, in pain, in scream, or even in silence.

Personally, on this topic, I am a fan of the Paris Psychosomatic School, from their first generation contributors (namely Pierre Marty, Michel de M'Uzan, Michel

Fain, Christian David), to their brilliant, more contemporary thinkers such as Marilia Aisenstein. Within this school the fundamental Freudian assumptions are not silenced and, to put it very briefly according to my understanding, the psyche-soma duality is obliterated as the somatization process is the result of regression and that of drive unbinding. Hence the duality of the psyche-soma is transformed into the duality of the drives, and the origin of the thought process is placed in the body. In *Beyond the Pleasure Principle*, Freud discusses the radical effect of a painful somatic illness on the distribution and modalities of the libido. This would become the starting point for the future work of the Paris Psychosomatic School.

To get back more specifically to your question, yes, in accordance with the Paris School I believe that our mental apparatus has the function of managing the constant traumatic excitations of life. If this psychic apparatus is damaged or overloaded, the excitation must find other paths of discharge, which will be via behavior or the body. Just as in the examples that you provided, so basically the somatic path in a sense provides a solution.

Harriet L. Wolfe

O Instituto de Psicossomática de Paris avançou na teoria psicanalítica no que diz respeito ao papel do corpo na expressão de estados de sentimentos intoleráveis ou não representados e explora como o corpo se torna um veículo de expressão quando a repressão fracassa (Aisenstein & Smadja, 2010). No tratamento de pacientes com distúrbios psicossomáticos, “o silêncio absoluto está fora de questão” (p. 630). O objetivo do analista passa a ser interessar pacientes organizados somaticamente no processo de pensamento e “ajudá-los a descobrir e compartilhar o prazer de construir experiência emocional por meio da fala” (p. 630).

Nos Estados Unidos, o aumento dos casos de Transtorno de Estresse Pós-Traumático após a Guerra do Vietnã levou o psiquiatra americano Bessel van der Kolk a se concentrar em como aquilo que é silenciado na psique faz o corpo falar. Ele explora o fenômeno em seu livro “*The body keeps the score*” (van der Kolk, 2014) e reconhece as contribuições de novos ramos da ciência para a nossa compreensão de como a conexão entre a mente e o cérebro resulta na expressão da experiência intolerável. Ele enfatiza o valor do estudo interdisciplinar do papel do corpo em relação ao trauma:

[...] o nascimento de três novos ramos da ciência levou a uma explosão de conhecimento sobre os efeitos do trauma psicológico, do abuso e da negligência. Essas novas disciplinas são: a neurociência, o estudo de como o cérebro apóia os processos

mentais; a psicopatologia do desenvolvimento, o estudo do impacto de experiências adversas no desenvolvimento da mente e do cérebro; e a neurobiologia interpessoal, o estudo de como nosso comportamento influencia a emoção, a biologia e a mentalidade daqueles que nos rodeiam. (van der Kolk, 2014, p. 2)

O estudo interdisciplinar daquilo que faz o corpo falar valida a teoria psicanalítica, assim como a teoria psicanalítica levanta questões importantes para disciplinas afins sobre a natureza e o impacto da experiência subjetiva.

Vale a pena lembrar que o silêncio pode representar um estado de reparação de nutrição materna. É uma questão de como o silêncio é “ouvido”. A linguagem somática que surge em uma hora de análise ou como sintoma(s) fora do consultório pode ajudar o analista e o analisando a reconhecerem o que não está sendo dito, seja positivo ou negativo.

Harriet L. Wolfe (Língua Original)

2 – What is the validity of the assertion that what is silenced in the psyche makes the body talk? Whether in act, in pain, in scream, or even in silence.

The Paris Psychosomatic School has advanced psychoanalytic theory on the role of the body in the expression of intolerable or unrepresented feeling states and explores how the body becomes the vehicle for expression when repression fails (Aisenstein, Smadja 2010). In the treatment of patients with psychosomatic disorders “(a)bsolute silence is out of the question” (p. 630). The goal of the analyst becomes to interest somatically organized patients in the thinking process and “help patients to discover and share in the pleasure of constructing emotional experience through speech” (p. 630).

In the United States the post-Vietnam increase in PTSD led the American psychiatrist Bessel van der Kolk to focus on how what is silenced in the psyche makes the body talk. He explores the phenomenon in his book *The Body Keeps the Score* (van der Kolk 2014). He credits the contributions of new branches of science to our understanding of how the mind-brain connection results in bodily expression of intolerable experience. He emphasizes the value in interdisciplinary study of the role of the body in relation to trauma:

“...the birth of three new branches of science has led to an explosion of knowledge about the effects of psychological trauma, abuse, and neglect. Those new disciplines are neuroscience, the study of how the brain supports mental processes; developmental psychopathology, the study of the impact of adverse experiences on the development of

mind and brain; and interpersonal neurobiology, the study of how our behavior influences the emotion, biology and mind-sets of those around us” (van der Kolk, 2014, p. 2).

The interdisciplinary study of what makes the body talk validates psychoanalytic theory just as psychoanalytic theory raises important questions for allied disciplines about the nature and impact of subjective experience.

It is worth keeping in mind that silence can represent a reparative state of maternal nurture. It is a matter of how the silence is “heard”. The somatic language that emerges in an analytic hour or as symptom(s) outside the consulting room may help both analyst and analysand recognize what is not being said, whether positive or negative.

3 – Costumamos ouvir que a psicanálise se manteve prioritariamente em silêncio no que diz respeito a questões políticas e sociais do mundo. Percebe-se, gradativamente, um movimento de fala, de posicionamento, de defesa das minorias. Por que nos calamos? O que nos move hoje para interromper o silêncio?

Admar Horn

Este silêncio foi interrompido pelo novo posicionamento da psicanálise, com a política invadindo o discurso psicanalítico, onde consideramos que psicanalisar é um ato político. Atualmente, observamos uma instigante relação entre a psicanálise e a política.

O espaço social concebido como sendo uma versão aumentada do espaço analítico fez com que a psicanálise encontrasse uma saída para a sua “neutralidade”. Nosso colega psicanalista Joel Birman, desenvolvendo essa relação entre a psicanálise e a política, afirma que os conceitos fundamentais da psicanálise deverão ser repensados a partir das problemáticas no campo político e social. Esse árduo trabalho imposto à psicanálise dará certamente surgimento a uma nova epistemologia.

Podemos também argumentar que a perda de estruturas mentais e sociais de contenção está tendo efeito prejudicial, mas acredito que sua restauração pode ser o pré-requisito de resoluções construtivas para essa crise atual.

Gohar Homayounpour

Por um lado, é verdade que, ao longo dos anos, vimos uma tendência do que eu chamaria de “psicanalista de poltrona”, confinado ao consultório e alheio aos

acontecimentos sociopolíticos do mundo. O que não faz sentido dentro dos fundamentos do discurso freudiano: o psicanalista de poltrona, às vezes, ingressa no terreno do cômico. Isso está bem elaborado na citação de Vamik Volkan (2009): “A psicanálise não prestou muita atenção à ligação entre o que acontece no consultório do analista e o que acontece na arena histórica... O estudo do entrelaçamento das guerras externas e internas...”

Também tenho observado que, em países como o Irã, é quase impossível não se envolver com a realidade externa das sessões ao trabalhar como analista em condições sociopolíticas tão dolorosas. Ouço de colegas norte-americanos que uma tendência semelhante começou a acontecer com o início da administração Trump e os eventos traumáticos que se seguiram. Creio que isso também seja muito verdadeiro em sua região, e, sobretudo, nos dias de hoje.

Acho que a atual pandemia de Covid-19 nos ensinou que as guerras externas precisam ser levadas a sério ou, como você diz, tal realidade externa imediata e traumática não nos permite continuar em silêncio, como se tornou flagrantemente claro que não podemos distinguir entre realidade psíquica e realidade social; e acredito que só podemos funcionar como psicanalistas em contato direto com o social.

Tendo dito tudo isso, acho que também é fundamental para os psicanalistas nunca esquecerem que as pessoas reagem aos eventos sociopolíticos de acordo com as próprias dinâmicas inconscientes intrapsíquicas. Paradoxalmente, isso também se torna inevitavelmente claro no trabalho como analista no Irã.

Gohar Homayounpour (Língua Original)

3 – We usually hear that psychoanalysis has largely kept in silence regarding the world’s social and political issues. We also note a gradual movement of speech, of taking a stand in defense of minorities. Why have we silenced?

What moves us today to break the silence?

On one hand it is true that over the years we have seen a trend of what I would call an armchair psychoanalyst, confined to offices and oblivious to the socio-political happenings of the world. Which makes no sense within the fundamentals of the Freudian discourse: the armchair psychoanalyst at times enters the territory of the comic. This is well elaborated in Vamik Volkan’s quote (2009):

“Psychoanalysis has not paid much attention to the link between what transpires in the analyst’s office and what happens in the historical arena ... The study of the intertwining of the external and internal wars....”

It has also been my observation that in countries such as Iran, working as an analyst under such an excruciating socio-political conditions, it is almost impossible not to engage with the the outside reality of the sessions. I hear from American colleagues that a similar trend began to happen with the beginning of of the Trump administration and the traumatic events which followed. I believe this is very much true in your geography as well, especially these days.

I think the current Covid-19 global pandemic has taught us that external wars need to be taken seriously, or, as you put it, such immediate and traumatic outside reality does not allow us to continue being silent, as it has become blatantly clear that we can not distinguish between psychic reality and social reality, and I believe we can only function as psychoanalysts in direct contact with the social.

Having said all of that, I think it is also paramount for psychoanalysts never to forget that one reacts to any socio-political events according to one's own intra-psychic unconscious dynamics. Paradoxically this also becomes inescapably clear working as an analyst in Iran.

Harriet L. Wolfe

Cada tipo de violência social, preconceito e/ou discriminação que leva ao trauma individual impacta também os grupos aos quais a pessoa pertence e se estende por gerações. Os psicanalistas não são imunes às forças sociais. Na medida em que a psicanálise, começando com Freud, foi representada e promovida por psicanalistas brancos, geralmente do sexo masculino, ela manteve uma relativa cegueira social para questões de raça, cultura, preconceito implícito, patriarcado, sexismo e privilégio branco.

Freud, Klein, Bion e outros foram influenciados pela experiência da guerra e adaptaram a teoria psicanalítica às manifestações clínicas e pessoais de terror e perda. Mais tarde, os psicanalistas sobreviventes do Holocausto, da ditadura argentina e de outros centros de catástrofe social escreveram cada vez mais sobre grandes processos coletivos, bem como manifestações de trauma individuais. Movimentos atuais, como o Black Lives Matter e o #MeToo, surgiram, por sua vez, do Movimento dos Direitos Civis e do feminismo. Essas contínuas respostas fraternas à agitação social criam uma mudança na consciência de alguns cidadãos, incluindo os psicanalistas. Mas a mudança é lenta. Nos Estados Unidos, a história da escravidão e do genocídio dos povos indígenas tornou difícil para os analistas clínicos, assim como para os membros do público em geral, “encarnar, de maneira imaginária, e conter e abrigar o trauma de outro como se o tivesse vivido” (Powell, 2018).

Como no caso do assassinato de George Floyd sob o joelho de um policial branco – um linchamento moderno –, as redes sociais aumentaram a amplitude e a profundidade da consciência pública sobre as desigualdades e a violência. Acho que os psicanalistas, como muitos cidadãos, consideram as evidências de desigualdade alarmantes demais para serem ignoradas. No entanto, quebrar o silêncio não significa uma abordagem clínica dramaticamente diferente. Os psicanalistas podem ter, em geral, uma consciência maior do impacto negativo do silêncio quando eles não entendem a raça, o gênero ou a cultura de paciente. Não podemos presumir uma psique universal, como a que foi imaginada por Freud na virada do século. O silêncio é antiterapêutico se ele reflete uma reificação de construtos, como neutralidade ou associação livre, frente a diferenças socioculturais mistificadoras.

Na minha opinião, os psicanalistas, às vezes, usaram o construto teórico da neutralidade analítica de maneira defensiva, para protegerem sua preferência pessoal por um ambiente de trabalho tranquilo e controlado, e também para se defenderem contra as tensões de desamparo e de outros desconfortos que o envolvimento com questões e tendências sociais mais amplas implicaria. Suportar os afetos de nossos pacientes traumatizados é difícil, assim como suportar nossa própria ignorância. Nós nos beneficiamos da humildade em face do outro e do ceticismo em relação aos nossos pressupostos teóricos. Devemos empreender um escrutínio intenso de nossos próprios preconceitos implícitos e manter a curiosidade empática sobre a experiência interpessoal e intrapsíquica do outro.

Harriet L. Wolfe (Língua Original)

3 – We usually hear that psychoanalysis has largely kept in silence regarding the world's social and political issues. We also note a gradual movement of speech, of taking a stand in defense of minorities. Why have we silenced? What moves us today to break the silence?

Each type of societal violence, prejudice, and/or discrimination that leads to individual trauma impacts also the collectives to which one belongs and stretches across generations. Psychoanalysts are not immune to societal forces. Insofar as psychoanalysis, beginning with Freud, has been represented and advanced by white, often male, psychoanalysts it has retained a relative societal blindness to issues of race, culture, implicit bias, patriarchy, sexism, and white privilege.

Freud, Klein, Bion, and others were influenced by the experience of war and adapted psychoanalytic theory to the clinical and personal manifes-

tations of terror and loss. Later psychoanalyst survivors of the Holocaust, of the Argentine dictatorship, and of other centers of social catastrophe wrote increasingly about large group processes as well as individual manifestations of trauma. Current movements like Black Lives Matter and #MeToo have built upon the earlier Civil Rights Movement and feminism. These continued fraternal responses to social unrest create a change in the consciousness of some citizens, including psychoanalysts. But change is slow. In the United States the history of slavery and of the genocide of indigenous peoples has made it difficult for clinical analysts, similar to members of the general public, to “imaginatively embody, and vicariously hold and contain, the trauma of another” (Powell 2018).

As in the case of George Floyd’s murder under the knee of a white police officer, a modern-day lynching, social media has increased the breadth and depth of public awareness of inequities and violence. I think psychoanalysts, like many citizens, are finding the evidence of inequity too alarming to ignore. However, breaking the silence does not mean a dramatically different clinical approach. Psychoanalysts may have, in general, a greater awareness of the negative impact of silence when confronted with a patient whose race, gender, or culture they do not understand. We cannot assume a universal psyche as was imagined by Freud at the turn of the century. Silence is anti-therapeutic if it reflects a reification of constructs like neutrality or free association in the face of mystifying sociocultural difference.

In my view psychoanalysts have sometimes used the theoretical construct of analytic neutrality defensively to protect their personal preference for a quiet, controlled environment in which to work and also to defend against the tensions of helplessness and other discomforts that engagement with broader social issues and trends would entail. Bearing the affects of our traumatized patients is difficult, as is bearing our own ignorance. We benefit from humility in the face of the other and skepticism regarding our theoretical assumptions. We must undertake intense scrutiny of our own implicit biases and maintain an empathic curiosity about the interpersonal and intrapsychic experience of the other.

04 – Temas como racismo, homossexualidade, crenças religiosas, feminismo, posicionamento político, desigualdade social atravessam a nossa clínica, mas ainda são silenciados nos Institutos de Formação. O que você poderia dizer a respeito disso?

Admar Horn

A instituição psicanalítica é um *setting* bastante apropriado para essa discussão. Já há algum tempo esses temas estão sendo debatidos nos mais variados institutos de formação.

As clínicas sociais são espaços que concentram elementos representativos na abordagem desses temas, assim como os grupos de acompanhamento, excelente ferramenta de trabalho existente na nossa sociedade, estão contribuindo para esse debate construtivamente.

O estudo das inúmeras correntes psicanalíticas no ambiente institucional, assim como também as atividades fora do divã, certamente são fatores muito importantes para nos ajudar a não mais nos silenciarmos diante desses temas vigentes no momento.

Não poderia deixar de citar esse momento pandêmico atual que estamos vivendo, em que, no meu entender, entramos em um tempo de espera, sem passado e sem futuro à vista, só uma atualização constante. Esse compasso de espera imposto pela pandemia é uma boa oportunidade de repensarmos essas mais variadas questões.

Gohar Homayounpour

Não sei se concordo com essa afirmação de que tais questões ainda são silenciadas em nossas instituições. Bem, digamos que as coisas realmente começaram a mudar com relação a essas questões e, certamente, que a mudança é necessária e que já passou da hora de realizá-la.

Mesmo assim, no entanto, acho que temos que ter cuidado com a nomenclatura e com a categorização que talvez acompanhem tais mudanças, temos que estar atentos à atuação inconsciente das mesmas velhas cisões e projeções, que apresentam novas fachadas inócuas e podem ser encontradas à espreita nas sombras das intenções tão boas de nossos amigos sociais/liberais. Deixe-me tentar fornecer alguns exemplos do que estou tentando transmitir, pois acredito que pode ser um ponto significativo e, muitas vezes, mal compreendido na psicanálise contemporânea.

Imigração/raça: certa vez, um paciente disse com eloquência: “Você sabe por que parei minha análise com minha analista norte-americana? Porque ela insistiu em fazer uma pesquisa extensa sobre a cultura iraniana logo depois que nos conhecemos, para descobrir tudo sobre ‘mim’ e sobre minha cultura. Tive de procurar um analista iraniano, por quem eu não seria automaticamente considerado um paciente ‘imigrante iraniano’. Com ele, poderia ter certeza

de que não seria rotulado e categorizado. Paradoxalmente, sua familiaridade permite uma falta de familiaridade que não me foi concedida por meu analista anterior. Espero que você não diga que conhece minha cultura iraniana.”

Trauma: a política contemporânea do trauma, sobretudo a literatura sobre refugiados, enfatiza o ponto que estou tentando destacar. Nos casos em que as ideias de vitimização e de trauma são impostas a todos os “refugiados” na chegada, todas as outras possibilidades de tradução ficam proibidas. É como se tivéssemos um roteiro à disposição deles, e eles deveriam aprender a desempenhar o papel, mais como um “método de interpretação para atores”, tornando-se o único personagem que se espera que eles interpretem. Será que não nos tornamos os causadores do trauma quando os colocamos, à força, nessa categoria rotulada e já bem estabelecida, de uma pessoa traumatizada, a qual só podemos curar agora? Nesse processo, será que não concretizamos nosso próprio senso de identidade, distante de todas as possibilidades de representação simbólica no terreno do imaginário? Será que não nos tornamos o agressor no momento em que afirmamos estarmos sendo mais humanitários? É claro que o curador e a pessoa traumatizada são duas faces da mesma moeda e, para ambos, a possibilidade de transformações é tirada.

Em suma, tem sido devastador para as instituições psicanalíticas silenciar e ficar em silêncio sobre tais questões e sobre outras além daquelas que você menciona, como a da classe social, por exemplo. No entanto, também é importante destacar a forma “como” desfazemos o silêncio e desobstruímos tais discursos também; e como fazemos isso é uma questão muito mais matizada, em minha opinião, do que a forma como, muitas vezes, ela está sendo elaborada no discurso psicanalítico contemporâneo e em nossas instituições. Talvez o que sempre foi, continua a ser e sempre tentará ser silenciado seja o inconsciente, mas essa é uma tentativa fútil, pois, como Freud nos lembra, os cães adormecidos estão bem acordados e latindo.

Gohar Homayounpour (Língua Original)

4 – Themes such as racism, homosexuality, religious beliefs, political position and social inequalities all come across in our clinical work, and yet they are silenced in our institutes of psychoanalytic training. What could you say about this?

I am not sure I would agree with this statement that such issues are silenced any more in our institutes, well let's say that things have really begun to change in these regards, and certainly that is necessary and it was about time.

And yet I think we have to be careful with the naming and categorizing that might come with such changes, we have to be attentive to the unconscious acting out of the same old splits and projections with new vanilla facades to be found lurking in the shadows of such good intentions of our social/liberal friends. Let me try to provide a couple of examples of what I am trying to convey, for I believe it can be a significant, and often misunderstood point within contemporary psychoanalysis.

Immigration/Race: Once upon a time a patient eloquently elaborated: “Do you know why I terminated my analysis with my American analyst? Because she was adamant about doing extensive research on the Iranian culture right after we met, to find out everything about ‘me’ and my culture.

I had to come to an Iranian analyst with whom I would not automatically be named the ‘Iranian immigrant’ patient. With you I can rest assured that I will not be named, and categorized. Your familiarity paradoxically allows an unfamiliarity that I was not granted with my previous analyst. I am hoping you will not claim to know my Iranian culture.”

Trauma: The contemporary politics of trauma, especially the literature on refugees, highlights the point I am trying to bring to light. Where the ideas of victimhood and trauma are forced upon all ‘refugees’ on arrival, all the other possibilities of translation are forbidden. It is as if we have a script ready to hand to them, and they must learn to play the role, rather like ‘method acting’, becoming the sole character they are intended to play. Do we not become the traumatizer, when we forcefully put them into this named, already neatly prepared category of a traumatized person, that we can only heal now? Do we not in the process concretize our own sense of identity, away from all the possibilities of symbolic representation into the territory of the imaginary? Do we not become the aggressor at the very moment that we claim to be at our most humanitarian? Of course, the healer and the traumatized person are both sides of the same coin, and for both the possibility of becoming is taken away.

In short it has been devastating for psychoanalytic institutes to silence and be silent on such issues and other issues besides the one you mention, such as social class for example. However, it is also important “how” we un-silence, un-plug such a discourses as well, and it is a great deal more nuanced in my opinion than the way it is often being elaborated within the contemporary psychoanalytic discourse and our institutes. Maybe what has always been, continues to be and will forever attempt to be silenced is the unconscious, but what a futile attempt, for as Freud reminds us the sleeping dogs are wide awake and barking.

Harriet L. Wolfe

Só posso dizer que precisamos melhorar. Em minha experiência, os membros do corpo docente que ensinam analistas em formação precisam de ajuda para compreender um novo contexto social. Um grupo diversificado de analistas em formação terá histórias socioculturais muito diferentes e reagirá de maneira diferente a leituras que podemos considerar clássicas. Por exemplo, quando um psicanalista ministra, há anos, um curso sobre Freud, ou um curso de desenvolvimento da primeira infância, ele/ela pode não perceber que os textos escolhidos contêm declarações racistas, patriarcais, antifeministas ou homofóbicas. Quando se descobre que trechos de leituras clássicas contêm tais ideias, isso não significa que esses textos devam ser evitados. Mas que eles devem ser reconhecidos pelo que são pelo instrutor e colocados em contexto. O pensamento psicanalítico deve reconhecer suas raízes em contextos sociais antigos e estar aberto ao pensamento crítico e à adaptação.

Acho que nossos institutos precisam se concentrar no desenvolvimento de analistas formados. Isso pode incluir discussões lideradas por analistas professores, analistas de formação/pessoais e analistas supervisores sobre as atuais realidades sociais e a exploração por eles de seus próprios preconceitos implícitos. Um grupo diversificado de candidatos terá pontos de vista sobre classe, raça, gênero e igualdade social diferentes daqueles de muitos analistas formados. Devemos encarar a realidade de que muitos de nossos instrutores tradicionais podem não ser qualificados para ensinar os candidatos a como se envolverem com a comunidade mais ampla ou a como incorporar a compreensão de racismo, homofobia, terrorismo, pobreza ou imigração em sua concepção de desenvolvimento. Precisamos projetar formas criativas para preencher essa lacuna de conhecimento. A capacidade do corpo docente de interagir aberta e respeitosa com a alteridade dos colegas em formação permitirá um ambiente educacional mais saudável e apoiará o desenvolvimento da profissão. Se soubermos o que não sabemos ou reconhecermos o que presumimos ser verdade, podemos ouvir melhor como os analistas em formação estão ouvindo o que achamos que deveriam saber. Semelhante ao método clínico de Faimberg da “escuta da escuta” (Faimberg, 2005), precisamos ouvir a escuta de nossos candidatos para alcançar objetivos formativos significativos, para reconhecer e trabalhar com resistências inconscientes e conscientes a uma atitude psicanalítica.

Um aspecto do racismo e do classismo sistêmico em nossos institutos é o custo da formação. É caro demais para muitas pessoas. Na medida em que for possível aos analistas de formação/pessoais e aos analistas supervi-

sores se comprometerem com tratamentos ou supervisões de baixo custo, mais fácil fica para potenciais candidatos, jovens e interessados, buscarem a formação psicanalítica.

Harriet L. Wolfe (Língua Original)

4 – Themes such as racism, homosexuality, religious beliefs, political position and social inequalities all come across in our clinical work, and yet they are silenced in our institutes of psychoanalytic training. What could you say about this?

I can only say we need to do better. In my experience the faculty members who teach analysts-in-training need help in understanding a new social context. A diverse group of analysts-in-training will have had very different sociocultural histories and will react differently to readings we may consider classic. For example, when a psychoanalyst has been teaching a course in Freud for years, or a course in early childhood development, he/she may not realize that their assigned readings contain racist, patriarchal, anti-feminist or homophobic statements. When sections of classic readings are found to contain such thinking, it does not mean those articles should be avoided. But they must be recognized for what they are by an instructor and set in context. Psychoanalytic thinking has to recognize its roots in earlier societal contexts and be open to critical thinking and adaptation.

I think our institutes need to focus on graduate analyst development. That may include faculty, training/personal analyst, and supervising analyst discussions of current social realities and their exploring their own implicit biases. A diverse group of candidates will have different views of class, race, gender, and social inequity than many graduate analysts. We must face the reality that many of our traditional instructors may not be qualified to teach candidates how to engage with the broader community or how to incorporate understanding of racism, homophobia, terrorism, poverty, or immigration into their developmental thinking. We need to design creative ways to meet this knowledge gap. The ability of the faculty to interact openly and respectfully with the otherness of colleagues in training will allow for a healthier educational environment and support the development of the profession. If we know what we do not know or recognize what we assume to be true, we can listen better to how analysts- in-training are hearing what we think they should know. Similar to Faimberg's clinical method of listening to listening (Faimberg 2005), we need to listen to the listening of our candidates to accomplish meaningful

educational goals, to recognize and work with unconscious as well as conscious resistances to a psychoanalytic attitude.

An aspect of systemic racism and classism in our institutes is the cost of training. It is too expensive for many. When it is possible for training/personal and supervising analysts to commit to low-fee treatments or supervisions, it becomes easier for young, interested, potential candidates to pursue psychoanalytic training.

Admar Horn

Rua Visconde de Pirajá 407/604 - Ipanema
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22410-001
(21) 9886-53050
horn@osite.com.br

Gohar Homayounpour

31 Roodsar Street,
North Hafez Street
Tehran 1593667611 , Iran
g.homayounpour@gmail.com

Tradução Maria de Lourdes Sette

Referência:

Volkan, V. D. (2018). The intertwining of the internal and external wars. In *Lost in Transmission* (pp. 75-97). Routledge

Harriet L. Wolfe

harriet.wolfe@ucsf.edu

Tradução Maria de Lourdes Sette

Referências:

Aisenstein, M. & Smadja, C. (2010). Conceptual framework from the Paris Psychosomatic School: a clinical psychoanalytic approach to oncology. *International Journal of Psychoanalysis*, 91(3): 621-640.

Admar Horn, Gohar Homayounpour e Harriet L. Wolfe

Dajani, K. G. (2020). Cultural determinants in Winnicott's developmental theories. *International Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 17(1): 6-21.

Faimberg, H. (2005). *The telescoping of generations: listening to narcissistic links between generations*. Londres e Nova York: Routledge.

Litowitz, B. E. (2003). The view from inside, the view from outside. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 51(4): 1369-1381.

Powell, D. R. (2018). Race, African Americans, and psychoanalysis: collective silence in the therapeutic conversation. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 66(6): 1021-1049.

Puget, J. (1988). Social violence and psychoanalysis in Argentina: the unthinkable and the unthought. *Free Associations*, 1(13): 84-140.

van der Kolk, B. A. (2014). *The body keeps the score: brain, mind and body in the healing of trauma*. Nova York: Viking.